



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTs DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTs DE GRADUAÇÃO

O FUTURO DA CIDADE OU A CIDADE DO FUTURO: comunicação e consumo articulados à realidade urbana¹

Adriana Lima de Oliveira²

PPGCOM | ESPM-SP

Resumo

Este estudo aborda o tema cidade, compreendido como processo comunicacional e de consumo por meio de sua dimensão discursiva, através da análise do portal "Arq. Futuro": uma plataforma digital que propõe dar visibilidade a iniciativas e projetos que visam o desenvolvimento de centros urbanos. O projeto de cidade está aqui representado pela publicização dos discursos produzidos por esses agentes midiáticos, articulados em rede e conectados com o propósito do 'bem comum'. Em abordagem crítica, nossa pesquisa tem como objetivo analisar o papel dessas narrativas na construção de um ideal de cidade. O quadro teórico que sustenta nossa análise trata da produção capitalista do espaço (HARVEY, 2005), assentada em uma nova racionalidade neoliberal (DARDOT; LAVAL, 2016, 2017), na qual a cultura empreendedora (CASAQUI, 2015, 2017) produz novas formas de sociabilidade no espaço urbano. O resultado aponta para reflexões urbanísticas que saem dos círculos técnicos e dos especialistas e passam para o domínio público, através de uma rede de comunicação de alcance e ambições diferentes.

Palavras-chave: comunicação e consumo; cidade, futuro.

Introdução

A cidade, em sua complexa produção social e histórica do espaço, emerge como condição de um humanismo e de uma democracia renovados (LEFEBVRE, 2001). As questões e reflexões urbanísticas, próprias dos círculos técnicos e especializados, anunciam-se para o domínio público através de agentes midiáticos de alcance e ambições diferentes. Dessa forma, pensar a relação comunicativa entre o sujeito e o espaço da cidade significa, igualmente, refletir sobre como essa relação, transformada pela tecnologia, conforma o viver urbano. No entanto, já advertia Lefebvre (2001), as questões relativas à cidade e à realidade urbana não são plenamente conhecidas e reconhecidas; é necessário assumir politicamente sua importância e seu significado no pensamento (ideologia) e na prática (estratégia).

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho 01 COMUNICAÇÃO, CULTURA EMPREENDEDORA E TRABALHO, do 7º Encontro de GTs de Pós-Graduação - Comunicon, realizado nos dias 10 e 11 de outubro de 2018.

² Mestre e Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Práticas de Consumo da Escola Superior de Propaganda e Marketing -PPGCOM | ESPM, Brasil. Bolsista Prosup e Membro do Comitê ESPM de Direitos Humanos. E-mail: publicidade.dri@gmail.com.



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

Tomando como ponto de partida, para pensar a problemática urbana, o processo de industrialização que caracteriza a sociedade moderna, avançamos algumas etapas para refletir sobre nossa época. A realidade social que nasce com a industrialização torna-se ainda mais complexa com as mudanças impostas por um capitalismo financeiro inserido em uma política econômica neoliberal. A sociedade urbana que nasce e convive em volta da fábrica agora não tem mais lugar fixo; na era do capital flexível, a mobilidade é a garantia de sobrevivência nesses novos espaços. O atual espírito do capitalismo, destacado nos estudos de Boltanski e Chiapello (2009), aponta para a formação de uma 'cidade por projeto', isto é, a cidade na qual a vida social não é mais apresentada na forma de uma série de direitos e deveres em relação à comunidade familiar, nem na forma de assalariados inseridos num conjunto hierárquico cujos degraus é possível galgar. Em um mundo reticular (sociedade em rede), a atividade passa a ser feita de uma multiplicidade de encontros e conexões temporárias, realizados em distâncias sociais, profissionais, geográficas e culturais eventualmente muito grandes. "O projeto é a oportunidade e o pretexto para a conexão" (Ibid.,p.135). A noção de 'projeto' nos é cara pois apresenta "um sistema de injunções que pesam sobre um mundo em rede, incitando a só formar elos e a estender suas ramificações respeitando princípios da ação justificável, próprios aos projetos" (Ibid.,p.138). Nesta nova categoria de cidade, aquilo que mede a grandeza das pessoas e das coisas é a atividade. Diferente da cidade industrial, em que atividade se confunde com trabalho, e este é, por excelência, um trabalho produtivo; na cidade por projeto a atividade supera as oposições entre trabalho produtivo e improdutivo³ e, por extensão, ações motivadas por interesse e filantropia.

A atividade tem em vista gerar projetos ou integrar-se em projetos iniciados por outros. Mas, como o projeto não tem existência fora do encontro (pois não se inscrevendo de forma definitiva numa instituição ou num ambiente, ele se apresenta em ação, em andamento, e não na forma do existente desde sempre), a atividade por excelência consiste em inserir-se em redes e em explorá-las para romper o isolamento e ter chances de encontrar pessoas ou de relacionar-se com coisas cuja proximidade é capaz de gerar um projeto (BOLTANSKI; CHIAPELLO, 2009, p. 141-142).

Na tentativa de elucidar esse tipo de atividade contemporânea, inserida em uma categoria singular de cidade que se estabelece em rede e conexões mediadas e midiaticizadas, apresentamos o

³ No sentido formulado por Adam Smith (1723-1790) em seu livro 'A riqueza das nações' sobre a acumulação de capital (ou o trabalho produtivo e improdutivo): segundo o autor o trabalho produtivo é todo aquele que acrescenta algo ao valor do objeto sobre o qual é aplicado, sendo o seu oposto o trabalho improdutivo, como no caso de um empregado doméstico cujo trabalho "não acrescentaria valor algum a nada". A justificativa está no custo deste trabalho: no caso do produtivo ele não custaria nada ao seu 'patrão', já que o valor dos salários geralmente é repostos juntamente com o lucro; no caso do improdutivo, a despesa de manutenção de um criado doméstico nunca é repostas.



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

Portal Arq. Futuro⁴ como modelar para refletirmos sobre as lógicas de produção dos discursos que se proliferam em diversas instâncias sociais e que projetam tanto as demandas que deflagram o futuro da cidade quanto a concepção da cidade do futuro. Importante ressaltar que, apesar de fazer parte do universo midiático, essas iniciativas não respondem diretamente à grande imprensa ou a conglomerados de mídia institucionalizados. Todavia, carregam notável força política e visibilidade através dos atores que conseguem arregimentar em seus diversos eventos e atividades.



Figura 1. Portal Arq. Futuro. Disponível em < www.arqfuturo.com.br >. Acesso mar/2018. Em sua primeira página apresenta o curso CitiesX em parceria de conteúdo com a plataforma HarvardX.

A emergência do tema: cidade

Fundada em 2011, o Arq. Futuro se propõe, conforme manifesto em seu site, trazer "ao público brasileiro as mais importantes personalidades, inovações e projetos de arquitetura e urbanismo da atualidade, com o objetivo de contribuir para a melhoria do ambiente construído e da qualidade de vida nas cidades do Brasil". Formada por um conselho consultivo, um executivo e uma equipe enxuta, apresenta-se como uma iniciativa privada sem fins lucrativos e dois nomes aparecem como co-fundadores: Tomas Alvim e Marisa Moreira Salles, ambos sócios da BEI Editora⁵.

Ressaltamos a potência e disseminação do conteúdo produzido em diversos formatos pelo Arq. Futuro com o objetivo de, conforme explica Tomas Alvim no lançamento da série 'Cidade | Cidadão': "usar diferentes linguagens para alcançar um público amplo, que inclui também crianças e

⁴ Arq. Futuro. Site < <http://arqfuturo.com.br> >. Acesso: mar/2018.

⁵ Bei Editora. Site < <http://bei.com.br> >. Acesso: mar/2018.



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

jovens, contribuindo para a formação de uma geração comprometida com a participação nas questões urbanas do século XXI". Tornando acessível as questões de vanguarda do urbanismo, busca mostrar "que todos podem entender a origem dos problemas urbanos e discutir os caminhos para a sua solução"⁶. Trata-se, portanto, de uma plataforma midiática que se constitui em ambiente virtual, no qual todo o conteúdo gerado por meio de suas atividades, presenciais ou não, é registrado e disponibilizado em diversos formatos que incluem a publicação de livros digitais e a produção de material audiovisual. Próprio de um tempo em que "as tecnologias, no sentido que inclui não só o 'quê', mas também o 'como' e o 'por quê' da máquina e seus usos, são também objetos e práticas simbólicos e materiais, estéticos e funcionais" (SILVERSTONE, 2011, p.50).

Nesta direção, a cultura empreendedora, o comprometimento e a participação são palavras-chave que constituem um regime de visibilidade para iniciativas identificadas com uma visão 'positiva' e 'transformadora' da cidade. Todo esse empreendimento, conforme explica Casaqui (2015; 2016) em seus estudos sobre cultura empreendedora e empreendedorismo social, está pautado pela "comunicação como elemento fundante de sua esfera produtiva, de seu *modus operandi*". Isso esclarece a importância da rede (técnica, tecnológica e social) como elemento agregador de novas maneiras de fazer, transmitir e fixar significados. Mas, é no espaço urbano, considerado elemento central para a compreensão da realidade social contemporânea, que essas manifestações acontecem e a cidade (como realidade e possibilidade) emerge enquanto materialidade da forma urbana. Se para muitos autores, o momento atual, qualificado de pós-moderno, teria como centro definidor as mudanças no tempo, indicando uma 'desterritorialização', ou ainda, um 'espaço sem referência', justificado, muitas vezes, pela profusão de tecnologia incorporada à nossa vida cotidiana; este trabalho pretende, de forma complementar, seguindo a tese na qual Carlos (2011) defende que o espaço é uma realidade prática que se constitui no decorrer da história da humanidade enquanto 'condição, meio e produto da reprodução social', refletir sobre essas relações sociais que se realizam na qualidade das relações espaciais. O espaço, pois, deixa de ser elemento para ser constitutivo desse mundo.

⁶ O lançamento da série foi feito no Seminário 'Cidade | Percepção e Comunicação' em SP e RJ. Fonte: ArchDaily <<https://www.archdaily.com.br/br/880807/seminario-cidades-i-percepcao-e-comunicacao-no-ims-sp>>. Acesso: mar/2018.



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

Com esse pensamento em vista relacionamos o início das atividades do Arq. Futuro, em 2011, com as diversas atividades globais em curso⁷: (1) crise da União Europeia, onde o país mais afetado é a Grécia; (2) manifestações e protestos em diversos continentes, sendo uma das mais intensas o projeto 'Occupy Wall Street', que contou com aproximadamente 10 mil manifestantes; (3) uma onda de protestos populares que varreu o Norte da África e o Oriente Médio na denominada Primavera Árabe; (4) foi também o ano em que os Estados Unidos lançaram uma ofensiva no Paquistão para encontrar Osama Bin Laden, que acabou morto por comandos americanos numa cidade próxima a Islamabad; (5) e no Brasil, além de Dilma Rousseff suceder Luiz Inácio Lula da Silva na presidência; (6) tivemos o anúncio feito pela Federação Internacional de Futebol (FIFA) de que a abertura da Copa do Mundo de 2014 seria em São Paulo, no dia 12 de junho no estádio do Itaquero às 17h.

Diante desse cenário percebemos uma multiplicidade de manifestações, ocupações e intervenções no espaço urbano. Nosso foco recai sobre as perspectivas de intervenção urbana provenientes da realização da Copa do Mundo em SP (2014) e dos Jogos Olímpicos no RJ (2016)⁸: de um lado aparece o espaço como mercadoria, sujeito à mudanças pelas quais passa a sociedade face às exigências do modo de produção capitalista; e de outro, sua consequência direta nas sociabilidades e no modo de realização da vida. Neste sentido, quando o Arq. Futuro inaugura sua plataforma de mídia, está pautado nesta condição histórica, que reverbera em diversas outras manifestações com o mesmo perfil. É o caso do 'Meu Rio'⁹ que também iniciou suas atividades em 2011 e tem a Copa do Mundo e as Olimpíadas como pano de fundo para a sua atuação. Segundo seus fundadores, "a grande questão era descobrir como influenciar o processo para que as mudanças no Rio refletissem os desejos dos cariocas"¹⁰. Essas experiências midiáticas revelam as transformações em curso que a tecnologia em sua fase mais sofisticada pode proporcionar: um mundo interativo onde tudo e todos podem ser acessados. Entretanto, considerando que esses novos artefatos tecnológicos nos conferem poder, também precisamos atentar para o fato de que esses mesmos produtos também modificam o

⁷ SALIM, Marcel. Revista Exame.com. 15 fatos cruciais que marcaram o ano de 2011. s/d. Disponível em < <https://exame.abril.com.br/mundo/15-fatos-cruciais-que-marcaram-o-ano-de-2011/> >. Acesso: mar/2018.

⁸ Os Jogos Olímpicos foram anunciados um pouco antes (2009). Pazzi, Jr. Milton. Jornal Estadão.com. Rio é escolhido como sede da Olimpíada de 2016. out/2009. Disponível em < <http://esportes.estadao.com.br/noticias/geral,rio-e-escolhido-como-cidade-sede-da-olimpiada-de-2016,444804> >. Acesso: mar/2018.

⁹ Site < <https://www.meurio.org.br> >. Acesso: mar/2018.

¹⁰ Souza, Beatriz. Projeto Draft. Com um mix de novas tecnologias e ativismo tradicional, o Minha Sampa quer revolucionar a política. 02/jun/2016. Disponível em: < <https://projetodraft.com/com-um-mix-de-novas-tecnologias-e-ativismo-tradicional-o-minha-sampa-quer-revolucionar-a-politica/> >. Acesso: mar/2018.



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

ambiente em que esse poder é exercido. É o que explica Silverstone (2011), quando alude que a "tecnologia é mais capacitante (e incapacitante) do que determinante" (p. 39).



Figura 2. Portal Meu Rio. Define-se como uma rede independente e apartidária de ação por um Rio de Janeiro mais democrático, inclusivo e sustentável.

Nesta perspectiva, a importância de estudar as lógicas de produção desses discursos está em compreender que a mídia e as tecnologias da informação também podem ser vistas, além do seu contexto cultural - tanto produto da indústria cultural quanto objeto da cultura marcada pelo engajamento de estruturas do capitalismo contemporâneo -, como um fenômeno econômico e político. Considerando que a produção não produz somente o consumo, mas, também, e mais importante, o consumidor, recorreremos à mídia e seus textos e imagens projetados como chaves de leitura articuladas ao binômio comunicação e consumo, para refletir criticamente sobre a emergência do tema cidade cooptada por distintos agentes midiáticos e suas visões de mundo.

Em consonância com a hipótese de Carlos (2016) de que o 'direito à cidade' torna-se ideologia no mundo moderno: o processo de produção deixa de se restringir às mercadorias e toma a cidade e o espaço urbano como produtos imobiliários. No entanto, também conserva um outro lado que é a produção da cidade pelo trabalho social presente e acumulado ao longo da história. Esse movimento dinâmico, embora exija a participação de diversas instâncias sociais, "apaga o sujeito produtor e o processo de produção contraditória do espaço e encobre o jogo político, numa sociedade de classes"



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

(CARLOS, 2016, p.5). Isso revela as contradições, tensões e conflitos dos discursos emergentes sobre a cidade que ora colocamos como objeto para nossa reflexão crítica.

A rede de comunicação: urbana

É na 'cidade por projetos' de que nos fala Boltanski e Chiapello (2009) que a tecnologia demonstra sua capacidade exponencial na relação entre a importância do capital social e do capital de informação. "A informação é, ao mesmo tempo, resultado e condição da multiplicação de conexões" (p. 145), de tal modo que as desigualdades de informação são cumulativas. Lembrando que a 'rede' é a grande narrativa que une as diversas atividades empreendidas por esses agentes midiáticos e que objetiva o 'bem comum'.

A rede "Nossas"¹¹ é um exemplo desse ativismo: sua história começa com a vitória do portal 'Meu Rio' no 'Desafio de Impacto Social Google | Brasil', empreendido pela Google, cujo prêmio em dinheiro possibilitou a criação da rede e a disseminação de uma metodologia que tinha como meta mobilizar mais de 20 cidades brasileiras em cinco anos. Hoje a rede 'Nossas' possui ramificações em sete cidades, além de São Paulo e Rio: Porto Alegre, Recife, Curitiba, Campinas (SP), Ouro Preto (MG), Garopaba (SC) e Blumenau (SP). Interessante observar que, embora o discurso aponte para um espaço de tensão, interação e intermediação entre estruturas dominantes e a potência composta por cidadãos, existe um mecanismo comum que é da ordem dessa estrutura neoliberal contemporânea. Isto é explicitado nas próprias políticas ordenadoras e constitutivas de sua legitimação: quando a Google define seus critérios para a seleção dos potenciais agentes que deverão concorrer ao desafio e serem premiados, leva em conta, sim, o impacto que o projeto pode causar na comunidade, mas também, e necessariamente, a tecnologia envolvida, a viabilidade e sustentabilidade financeira do projeto e o potencial de escalabilidade. É o que Dardot e Laval (2016) tratam em seus estudos sobre a 'nova racionalidade do mundo', na qual asseveram que "com o neoliberalismo, o que está em jogo é nada mais nada menos que a forma de nossa existência, isto é, a forma como somos levados a nos comportar, a nos relacionar com os outros e com nós mesmos" (p.16). A tese defendida por estes autores é precisamente que o neoliberalismo antes de ser uma ideologia ou uma política econômica é, fundamentalmente, uma racionalidade e, como tal, tende a estruturar e organizar não apenas a ação dos governantes, mas até a própria conduta dos governados.

¹¹ Rede Nossas. Disponível em: < <https://www.nossas.org> >. Acesso: mar/2018.



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO



Figura 3. Rede 'Nossas': um laboratório de ativismos. Apresentam como missão 'inventar novas formas das pessoas influenciarem e ressignificarem a política'.

Neste sentido, quando a rede 'Nossas' proclama a potência do 'comum', embora apresente a intenção de um 'princípio político', não rompe com o 'sistema capitalista' em curso. Isto porque suas raízes estão assentadas no mesmo modelo discursivo do empreendedor social de que nos fala Casaqui (2015):

A forma mercadoria é parte fundamental da construção dos projetos de empreendedorismo social, uma vez lançados à lógica liberal da concorrência, no que tange a concursos, prêmios do campo, e, principalmente, à busca por investimentos capazes de proporcionar a viabilidade e a sustentabilidade das iniciativas. Ideias para solucionar problemas sociais, diagnósticos sobre a situação do país, justificativas sobre a relevância de uma causa, argumentos sobre sua eficácia, seus impactos e suas *performances* mercadológicas - a esses elementos semânticos correspondem sínteses imagéticas, recursos estéticos, representações icônicas desse micromundo construído como projeto (p. 6-7).

Encontramos discurso similar na Singularity University¹², uma parceria da NASA e da Google, no Vale do Silício, que, durante dez semanas se propõe a preparar as lideranças do futuro. Dentre esses programas, chama a atenção o *The Graduate Studies Program* (GSP) de curta duração que, por meio de uma rigorosa avaliação, os candidatos para serem aceitos devem ter, na visão Singularity, a capacidade de impactar um bilhão de pessoas em até dez anos. Este cenário aponta para uma sofisticada rede de pessoas que orbitam em conteúdos comuns compartilhados, proliferando iniciativas de cunho 'social' tomando como base de cálculo o propósito 'individual'. Diante do que

¹² Singularity University. Disponível em < <https://su.org> >. Acesso em mar/2018.



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

Dardot e Laval (2016) chamaram de 'intelectuais orgânicos' do neoliberalismo: através da produção e difusão maciça de um léxico homogêneo, acabam por impor o discurso ortodoxo da 'gestão'. Por isso, advertem os autores: "as políticas neoliberais não foram implantadas em nome da 'religião do mercado', mas em nome de 'imperativos técnicos de gestão', em nome da 'eficácia', ou até mesmo da 'democratização' dos sistemas de ação pública" (p. 231). Tanto à direita como à esquerda, convertem-se ao léxico do *management* e da *performance*.

À vista disso, não raro identificamos os problemas urbanos tratados com base na necessidade de um planejamento em função da constatação, ilusória, de uma 'falta de planejamento da cidade'. Assim, de acordo com Carlos (2016) dois discursos são mobilizados no sentido de orientar o futuro da cidade: um aponta para o 'empreendedorismo urbano' o qual se destina a propor políticas urbanas capazes de resolver a crise urbana através da construção de uma vantagem competitiva para a cidade, objetivando sua inserção no mercado mundial. E o outro, concebe a ideia de que a solução da crise passaria pela 'gestão democrática da cidade' a partir do estabelecimento da função social da cidade e a consequente participação popular na gestão da cidade. Desta maneira, em nome da modernização da cidade e do bem público, Estado e mercado se efetivam na criação de infraestruturas, de leis de zoneamento e construções que resultam na desapropriação de moradias e expulsão de seus moradores (p. 5-7).

Depreendemos, a partir daqui, que o 'espaço público' quando dá lugar à 'rede': a cidadania não é mais definida como participação ativa na definição de um bem comum próprio de uma comunidade política, mas como uma mobilização permanente de indivíduos que devem engajar-se em parcerias e contratos de todos os tipos para a produção de bens locais que satisfaçam os consumidores. Isso também ajuda a compreender os apagamentos tanto do processo de produção quanto dos sujeitos produtores do espaço urbano: a legitimidade encontra-se no próprio poder transformador do projeto. O projeto ideal de cidade, construído de forma coletiva, transmuta a ação em discurso fundamentado no saber técnico e especialista que coordena o ato de planejar.

O consumo do espaço: proprietário

O espaço ganha novo sentido quando a consciência social deixa de se referir à produção para centralizar-se no consumo. Isso remete a uma descentralização da cidade e determina um novo papel do espaço na acumulação do capital. As intervenções urbanas marcadas pelo movimento do mercado



COMUNICON2018
congresso **internacional**
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

imobiliário, suportado por leis e instituições que garantem o princípio da propriedade privada, alteram usos e funções da cidade. Mas isso não fica evidente no atual momento do modo capitalista de produção, no qual fluxos cada vez mais velozes de produtos e conteúdos são criados, distribuídos e consumidos nos mais diversos formatos. Assim, conforme observa Harvey (2005), o poder de movimentação do capital ao redor do mundo, tão característico da era contemporânea, exige não apenas sistemas de telecomunicações bem organizados, mas, no mínimo, amparo seguro do sistema de crédito pelas instituições públicas, financeiras e jurídicas (p. 146). Trata-se de um campo econômico e político atrelado às formas sociais do capitalismo, nas suas múltiplas relações e contradições. Para esta importante reflexão, apropriamo-nos dos aportes feitos por Mascaro (2013) quando expõe em seu livro 'Estado e forma política', o Estado como resultante de um devir histórico enredado em estruturas sociais específicas, dinâmicas e contraditórias. De acordo com o autor, o desdobrar do político como uma instância específica em face do econômico não é um acaso. "Somente com o apartamento de uma instância estatal é possível a reprodução capitalista. Esta dá causa àquela" (Ibid.,p. 17). O Estado torna-se, portanto, o aparato necessário à reprodução capitalista, regulando produção e consumo e, mais, é a garantia da mercadoria e da propriedade privada e seus consequentes vínculos jurídicos que lhe dão sustentação. Enquanto 'terceiro' em relação à dinâmica entre capital e trabalho, acaba sendo, ao mesmo tempo, "elemento necessário de sua constituição e da reprodução de suas relações sociais" (Ibid.,p. 19). Por isso, a cidade ideologizada condiciona um discurso que se pretende hegemônico atravessado pelos campos econômico, político, social e científico que, neste caso, também ganha uma potência produtiva.

É o caso do curso CitiesX HarvardX¹³ - 'o passado, o presente e o futuro da vida urbana', em que o Arq. Futuro teve participação importante na tradução para o português. Organizado e ministrado por Edward Glaeser, professor da Universidade de Harvard e um dos maiores especialistas em economia urbana da atualidade, o conteúdo encontra-se disponível gratuitamente em canal aberto do Youtube e traz como principal parceiro e empresa Tishman Speyer¹⁴, uma das maiores empresas do mercado imobiliário do mundo. O mesmo acontece com o portal 'Esquina' que, tal qual o Arq. Futuro, se apresenta como uma plataforma de conteúdo sobre a cidade e inclui um site, transmissão ao vivo, encontros, cursos e passeios. Toda sua programação tem curadoria de

¹³ Disponível no canal do Arq. Futuro: <http://arqfuturo.com.br> >. Acesso: mar/2018.

¹⁴ Disponível em: < <http://br.tishmanspeyer.com/firm/organization> >. Acesso: mar/2018.



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

Mariana Barros, jornalista, e Eduardo Andrade de Carvalho, sócio da Moby Incorporadora¹⁵. Outro projeto, também neste mesmo princípio de difusor de conteúdo, foi o implementado pela Gafisa, em 2016, com o nome de 'Cidade-se'¹⁶ e propõe "pensar no seu próprio papel enquanto empresa de incorporação e construção, refletindo sobre sua interferência direta na transformação da cidade e no dia a dia do indivíduo". Interessante notar que a grande maioria dos projetos ou, pelo menos, os projetos com maior visibilidade midiática têm alguma participação, em maior ou menor grau, de grandes incorporadoras e construtoras imobiliárias (Gafisa, Moby, Tishman) e suas respectivas associações (ABRAINCC)¹⁷. Claro está que todos são atores partícipes do processo de sociedade, entretanto, as relações de troca ali implicadas carregam noções muito específicas a respeito do 'indivíduo', da 'liberdade', da 'igualdade', dos 'direitos' e da 'justiça'. São mais do que meramente ferramentas ideológicas. Segundo Harvey (2005) eles se ligam ao Estado, incrustando-se formalmente no sistema legal burguês. "O Estado capitalista deve, necessariamente, amparar e aplicar um sistema legal que abrange conceitos de propriedade, indivíduo, igualdade, liberdade e direitos, correspondente às relações sociais de troca sob o capitalismo" (p. 81).

Não obstante, esse entrelaçamento de vozes coaduna uma 'fé cega' no 'planejamento' e na 'gestão democrática das cidades'. Esse discurso (e sua função ideológica) finca raiz em um pragmatismo científico e tecnológico que naturaliza a 'desposseção' através do discurso da função social da propriedade. Conforme alerta Carlos (2016) a 'função social da propriedade' encobre, dentre outros fatores, "a função ideológica da propriedade como mecanismo que mantém o mundo tal qual é, portanto invertido: o mundo no qual as coisas dominam os homens" (p.09). Encontramos aqui a representação e justificativa dessa proliferação de agentes midiáticos que configuram-se como verdadeiros foros de debate e portadores do conhecimento, da consciência e do saber que se pretende hegemônico. A cidade, com efeito, enquanto obra e produto (LEFEBVRE, 2001), converte-se em meio e mediação para a reflexão teórica, a ação prática e mesmo para a imaginação.

As tecnologias que consolidam essas novas formas de convívio e pertencimento, encurtam as distâncias entre centro e periferia, ao mesmo tempo que acentuam problemas do século XX e

¹⁵ Disponível em: < <http://www.esquina.net.br> >. Acesso: mar/2018.

¹⁶ Disponível em: < <https://www.gafisa.com.br/conteudo-gafisa/gafisa-cidade-se> >. Acesso: mar/2018.

¹⁷ Associação Brasileira de Incorporadoras Imobiliárias. Disponível em: < <https://www.abraincc.org.br> >. Acesso: mar/2018. Ela aparece como patrocinadora de um dos eventos do Arq. Futuro 'Cidades, Percepções e Comunicação' que aconteceu no Instituto Moreira Salles (IMS) no dia 04/out aqui em SP. Disponível em < <https://ims.com.br/eventos/seminario-cidades-percepcao-e-comunicacao/> >. Acesso: mar/2018.



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

dinâmicas do século XXI. Os discursos sobre a cidade chamam a atenção, mas também exigem respostas. O ativismo, que toma forma na rede virtual e materializa-se no espaço público, aponta para um processo em que as emoções são tão importantes quanto o intelecto para entendermos a complexidade do apelo textual e do poder desses mecanismos midiáticos que engajam, de diferentes maneiras e com diferentes chamados, a nossa sensibilidade. Todos os eventos da cultura contemporânea são capturados, emoldurados e exibidos por formas familiares e harmoniosas que refreiam a perturbação que possam causar. A mídia instituída por esses agentes, que ora apresentamos, carrega a responsabilidade não apenas de divulgar a informação, mas funciona também como curadora e promotora de uma agenda pública sobre os temas relevantes a serem discutidos. Não objetivamos neste artigo discutir sobre a relevância de tais temas, mas sim, refletir sobre as lógicas de sua produção e, mais, sobre as ideologias ali implicadas. Em outras palavras, buscamos entender essa 'visão de mundo' inserida nos discursos sobre a cidade e que engendram estereótipos e preconceitos.

O futuro da cidade ou a cidade do futuro

Estamos diante da cidade do futuro ou precisamos, ainda, refletir sobre o futuro da cidade? Quando colocamos em perspectivas os termos 'cidade' e 'futuro', precisamos considerar sua historicidade. A cidade como laboratório do homem (LEFEBVRE, 2001), alimenta projetos e imaginários tanto de arquitetos e urbanistas, quanto de administradores públicos e promotores de venda. Assim, nossa análise, a partir de uma perspectiva crítica em três dimensões: a produção capitalista do espaço, a nova racionalidade do mundo e a cultura empreendedora, possibilita uma leitura distanciada desses discursos, objetivando identificar pontos convergentes e dissonantes.

Ao tratar da produção capitalista do espaço, Harvey (2005) explica que a capacidade de dominar o espaço implica na produção do espaço. Isso determina, necessariamente, uma relação de duas vias de reciprocidade e dominação: tanto os capitalistas quanto os trabalhadores são dominados e coagidos pelas próprias criações. Desse ponto de vista, o processo de feitura da cidade é tanto produto como condição dos processos sociais de transformação em andamento (p. 165). Mas não há novidade no papel da urbanização na dinâmica social. O que acreditamos necessário colocar em questão é a frequente separação do estudo da urbanização em relação a mudança social e ao desenvolvimento econômico. Quando analisamos essas novas plataformas midiáticas, seu histórico e



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

suas atividades, também buscamos evidenciar os atores sociais, políticos e institucionais envolvidos neste processo. Isso alimenta o fio condutor dos conteúdos desenvolvidos e o padrão estético das imagens construídas para fomentar o diálogo e o engajamento. A linha tênue entre jornalismo e publicidade, ciência e entretenimento, ou ainda, política e mercado, cria uma narrativa com alto poder de persuasão e compartilhamento.

Esse movimento é próprio da cultura empreendedora (CASAQUI, 2015;2016) que não está restrita aos mecanismos de mercado e de trabalho, mas há muito encontra-se misturada na governança urbana. Segundo Harvey (2005), "a abordagem administrativa, tão característica da década de 1960, deu lugar a formas de ação iniciadoras e empreendedoras nas décadas de 1970 e 1980" (p. 165). Há um consenso de que essa mudança tem a ver com as dificuldades enfrentadas pelas economias capitalistas a partir da recessão de 1973, ligada, principalmente, à desindustrialização e ao desemprego. O apelo à racionalidade do mercado e à privatização representam o pano de fundo para entender a direção adotada por tantos governos urbanos, muitas vezes de crenças políticas diversas. Mas a 'governança' urbana é muito mais do que 'governo' urbano. "O poder de organizar o espaço se origina em um conjunto complexo de forças mobilizado por diversos agentes sociais" (HARVEY, 2005, p. 169). É um processo conflituoso ainda mais em um espaço de densidade social muito diversificado. Temos, neste cenário, a formação de coalizões e, nos termos que tratamos neste artigo, de 'redes' como base para todo tipo de empreendedorismo urbano¹⁸. A busca pela diversidade de vozes aparece, neste palco, como condição para uma narrativa plural e, portanto, legítima. Não obstante, essa harmonia é tarefa muito delicada e difícil. Por isso, a perspectiva de um 'futuro' passa a ser um forte elemento de engajamento. Somente em um cenário como esse é possível ver empresas de segmentos tão distintos, embora representativos do mercado - como a do segmento imobiliário (Tishman, Moby e Gafisa), do segmento tecnológico (Google) e do segmento financeiro (Banco Itaú) - abordarem um tema tão complexo e afeito aos domínios do Estado, como é o caso da 'cidade', conciliando aspectos tão divergentes quanto propriedade privada e espaço público.

¹⁸ Adotamos o termo, compreendido no que entende Harvey (2005), como o padrão de conduta na governança urbana que combina poderes estatais (local, metropolitano, regional, nacional ou supranacional), diversas formas organizacionais da sociedade civil (câmara de comércio, sindicatos, igrejas, instituições educacionais e de pesquisa, grupos comunitários, ONGs etc.) e interesses privados (empresariais e individuais), formando coalizões para fomentar ou administrar o desenvolvimento urbano/regional de um tipo ou outro (p. 228).

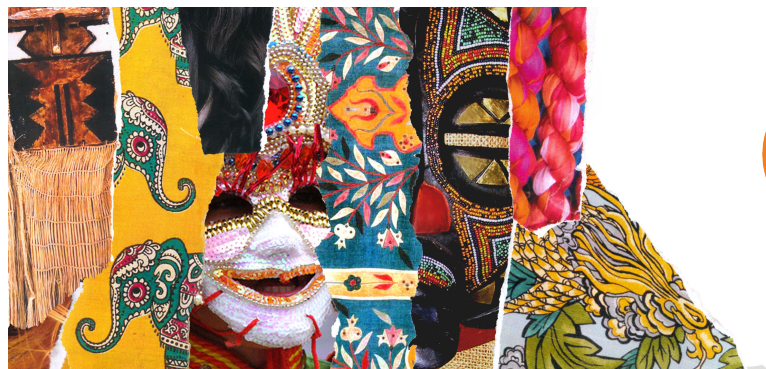


COMUNICON2018
congresso **internacional**
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

Depreendemos, também, que a noção de 'mundos possíveis', baseada nos diagnósticos do presente e nas projeções do futuro, está assentada sob um ambiente moldado pela lógica da circulação e da acumulação do capital. Neste ambiente, os agentes midiáticos assumem o protagonismo de um processo de mudança social, o qual é construído narrativamente pelos discursos desses agentes que falam em nome de seu próprio campo de atuação (CASAQUI, 2015; 2016). Assim, quando o Arq. Futuro se propõe a falar sobre a cidade, o faz colocando à frente dessa tarefa importantes pensadores da realidade urbana, produzida a partir da análise de dados e índices de pesquisa instalados no tempo rápido do neoliberalismo. Essa formação rizomática e pragmática, torna mais difícil a identificação e os interesses dos agentes envolvidos e sobressai o caráter plural e coletivo das iniciativas. Na prática, as lutas apontam para uma realidade ainda mais perversa: "a inclusão numa sociedade que exclui constantemente é feita pela mudança da condição social frente ao mercado" (CARLOS, 2016, p.11).

Refletir sobre o 'futuro da cidade' e a 'cidade do futuro' nos permite deslocamentos singulares no tempo e no espaço: o 'hoje móvel' e o 'amanhã fixo'. A contradição em termos apresenta a produção capitalista do espaço que tem suas bases na política econômica neoliberal contemporânea e na cultura empreendedora. De um lado, a velocidade com a qual o capital deve se reproduzir exige mobilidade (do espaço, do trabalho, das mercadorias); e de outro, para sua estabilidade (potencial financeiro), se apropria do progresso da ciência, da tecnologia e dos negócios na produção de cenários fixos autorizados pela precisão e neutralidade desses artefatos. Ainda assim, toda essa racionalidade prescritiva do futuro fundamentada em dados, padrões e tendências parece ter suas limitações e surgem, em outras esferas, os 'ilegais', os 'irracionais', os 'irregulares'. Seguindo os rastros de Milton Santos (2000), tal situação nos parece esperançosa pois deixa uma pequena margem para aqueles que, desse modo, conseguem escapar ao totalitarismo da realidade dominante. É neste universo do cotidiano e do popular que a realidade urbana escapa aos seus intérpretes.



COMUNICON2018
congresso **internacional**
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

Referências

BOLTANSKI, Luc; CHIAPELLO, Eve. **O novo espírito do capitalismo**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

CARLOS, Ana Fani Alessandri (org.). **The urban crisis**. [Electronic Resource] São Paulo: FFCH/USP, 2016.

_____. **Espaço-tempo na vida cotidiana da metrópole**. São Paulo: Labur Edições, 2017.

_____. **O espaço urbano: novos escritos sobre a cidade**. São Paulo: FFLCJ, 2007.

_____. **Em nome da cidade (e da propriedade)**. XIV Colóquio Internacional de Geocrítica. Las utopías y la construcción de la sociedad del futuro. Barcelona: 2-7 de maio de 2016.

CASAQUI, Vander. **Abordagem crítica da cultura da inspiração: produção de narrativas e ideário da sociedade empreendedora**. Revista E-Compós, Brasília, v.20, n.2, maio/ago. 2017.

_____. **A invenção de um país de empreendedores sociais: "Imagina na Copa" e seu projeto de Brasil**. Revista E-Compós, Brasília, v.18, n.1, jan/aabr. 2015.

_____. **A construção do papel do empreendedor social: mundos possíveis, discurso e o espírito do capitalismo**. Galáxia (São Paulo, on line), n. 29, p. 44-56, jun. 2015.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal**. São Paulo: Boitempo, 2016.

_____. **Comum: ensaio sobre a revolução do século XXI**. São Paulo: Boitempo, 2017.

HARVEY, David. **A produção capitalista do espaço**. São Paulo: Annablume, 2005.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 2001.

MASCARO, Alysson Leandro. **Estado e forma política**. São Paulo: Boitempo, 2013.

SANTOS, Milton. **Por uma economia política da cidade**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.

_____. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. Rio de Janeiro: Record, 2000.

SILVERSTONE, Roger. **Por que estudar a mídia**. São Paulo: Edições Loyola, 2011 - 3a. ed.

SMITH, Adam. **A riqueza das nações: investigação sobre sua natureza e suas causas**. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda, 1996.